

O Conde e o Avivamento Morávio: Um Ensaio Histórico por ocasião do tricentenário de Zinzendorf

Frans Leonard Schalkwijk*

O conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf nasceu há três séculos numa família da alta sociedade em Dresden, na Alemanha. Zinzendorf era de origem luterana e tornou-se um cristão muito dedicado.¹ Vinte e sete anos mais tarde, irrompeu em Herrnhut, a propriedade do conde no leste da Alemanha, o conhecido avivamento morávio que gerou profundos desejos de santificação e dedicação missionária. Tanto os irmãos morávios como o próprio conde reconheceram que o acontecimento foi uma obra da graça de Deus.² Por mais que queiramos, não podemos reproduzir despertamentos espirituais, os quais, inclusive, têm características diferentes uns dos outros. Felizmente, porém, podemos aprender com eles.

Entre outros aspectos, a história morávia mostra, em primeiro lugar, que um avivamento genuíno leva as pessoas a reconhecerem os seus pecados, abraçarem em fé o perdão pelo sangue do Cordeiro e terem um desejo profundo de viver em consonância com a vontade de Deus, ou seja, amar e servir a Deus e aos outros, em humildade e obediência. Em segundo lugar, antes de uma renovação espiritual geralmente existe um período de "pré-avivamento" (individual e coletivo) e, após a mesma, um movimento evangelístico no sentido de compartilhar as bênçãos com os outros. Em terceiro lugar, o maligno sempre tem um interesse especial em corromper essa bênção de Deus através de farisaísmo, radicalismo e separatismo, e o melhor é, se for possível, combatê-los firmemente no início, inclusive por meio de medidas administrativas sábias, pois de outro modo os prejuízos não se farão esperar. Os conflitos resultantes dessas atitudes esvaziam os corações do *amor a Deus*, ao passo que o verdadeiro avivamento enche-os desse amor, que é o dom e o fruto principal da atuação intensa do Espírito Santo (Rm 5.5; 1 Co 13.13; Gl 5.22).

I. ZINZENDORF

A família Zinzendorf residia em um castelo do Reino da Saxônia, a uns quinze quilômetros da fronteira checa. O pai de Zinzendorf era secretário de estado em Dresden, mas faleceu depois de consagrar seu filho de seis semanas à obra do Senhor. Quatro anos mais tarde, sua mãe casou-se novamente, e o menino foi educado por sua avó e uma tia. Ambas apoiavam o movimento pietista, que procurava reavivar a igreja através de pequenas reuniões de estudo bíblico e oração, vistas como "igrejinhas na Igreja" (*ecclesiolae in ecclesia*). O líder do movimento era o Dr. Philipp Jakob Spener, que às vezes visitava a família Zinzendorf. O menino amava o Senhor de coração, orava muito, lia a Bíblia diariamente, conhecia bem o Catecismo de Lutero, e por vezes até pregava para as cadeiras.

Aos dez anos, Nikolaus foi para a famosa escola pietista de August Hermann Francke, em Halle, mas no início a experiência foi humilhante. Ele discordou dos pietistas especialmente quanto à prática obrigatória da "luta do arrependimento" (*Busskampf*), sem a qual o crente não era considerado um verdadeiro filho de Deus. Além de apelar para argumentos teológicos, ele também insistiu que nunca havia estado sem

Cristo.³ Pouco a pouco conseguiu convencer outros meninos a formar um pequeno grupo para edificação mútua denominado a "Ordem do Grão de Mostarda." Aos quinze anos, seguiu para a Universidade de Wittenberg, a cidadela da ortodoxia luterana, a fim de preparar-se na faculdade de direito para o serviço governamental, como era a praxe para moços da alta sociedade. Paralelamente estudou teologia e procurou aproximar as duas alas beligerantes do luteranismo, a ortodoxia e o pietismo.⁴

Ao término dos seus estudos, fez uma viagem através da Alemanha, Holanda, Bélgica e França (1719-1720), viagem costumeira para um acadêmico aristocrata. Temia as tentações e procurava andar com Deus constantemente. Em Düsseldorf viu a pintura "Ecce Homo," de Domínico Feti (o quadro "Cristo coroado de espinhos" que atualmente está em Munique), com as palavras desafiadoras "Tudo isto fiz por ti. O que fazes tu por mim?" Essa experiência causou uma impressão indelével no jovem conde, que reforçou a sua decisão de viver para Cristo. Depois de voltar para casa, casou-se com a condessa Erdmuth Dorothea Reuss. Eles teriam doze filhos, dos quais somente quatro chegariam à idade adulta. Erdmuth seria uma ajudadora incansável do seu marido e da igreja. Zinzendorf certa vez afirmou: "Ela dirigiu [nosso lar] com a sabedoria da Escritura." No seu túmulo, os refugiados morávios gravaram os seguintes dizeres: "Mãe Adotiva da Igreja dos Irmãos."⁵

Homem feito, aos 22 anos Zinzendorf começou seu trabalho como conselheiro real em Dresden, mas aos domingos à tarde dirigia estudos bíblicos para os interessados. Em resposta aos críticos, apoiou-se nos Artigos de Schmalkald (1536), nos quais Lutero diz que o Evangelho oferece conselho e ajuda ao pecador pela pregação da Palavra, pelo Batismo e Santa Ceia, pelo poder das chaves (a disciplina) e "finalmente por conversação fraterna e encorajamento mútuo" (Mt. 18.20). Adquiriu de sua avó a vila de Berthelsdorf e, sendo um proprietário feudal, instalou seu amigo João Rothe como pastor, prometendo-lhe que ajudaria a transformar a vila numa verdadeira comunidade de crentes, sem ainda saber como Deus responderia a esse desejo mais profundo do seu coração.

II. a UNITAS FRATRUM

Todos sabem que a Reforma começou na Alemanha com Martinho Lutero (1517), mas poucos sabem que antes da Reforma havia uma florescente igreja protestante na atual República Checa, cujas principais regiões são a Boêmia no oeste (ao redor da capital Praga) e a Moravia no leste.⁶ Essa nação havia sido cristianizada no século IX por missionários vindos de Constantinopla e seu casal real mais conhecido era o piedoso Wenceslau e sua esposa Ludmila. Culturalmente, a região era como um promontório eslavo em um mundo alemão, mas, no final da Idade Média, durante o período do renascimento, houve um influxo de alemães no país, inclusive na importante universidade de Praga. Os alemães desprezavam os checos como um povo de cultura inferior. Quando estudantes checos começaram a freqüentar a Universidade de Oxford, ouviram o professor John Wycliffe (m.1384) e levaram os ensinamentos bíblicos dessa "estrela d'alva da reforma" para o seu país, onde tais ensinamentos receberam uma singular acolhida. Um dos professores da Universidade de Praga era João Hus, que pregava com zelo contra os erros que via na vida e na doutrina da Igreja Católica Romana. Hus foi condenado pelo Concílio de Constança e queimado vivo apesar de um salvo-conduto imperial (1415).

Na Boêmia, a terra natal de Hus, eclodiu uma revolta e formou-se uma igreja evangélica conhecida como *Unitas Fratrum*, a União dos Irmãos ou a Igreja dos Irmãos. Seus adeptos nunca se consideraram uma "seita;" simplesmente distanciaram-se das

corrupções da igreja. Quando, porém, em 1620, a Boêmia foi vencida pela Áustria, o novo governo decidiu implantar a contra-reforma católica romana e exterminar a ferro e fogo os evangélicos, dentre eles, em primeiro lugar, a Igreja dos Irmãos. Nem a Paz de Westfália (1648) trouxe alívio para esses crentes perseguidos. Muitos foram mortos e outros fugiram, especialmente para Lissa, na Polônia, entre os quais o famoso educador João Amós Comênio, bispo da *Unitas Fratrum* (falecido em 1670), que lamentou o fato de a igreja de Roma ter se tornado perseguidora dos próprios cristãos.

Parecia que os evangélicos tinham sido extirpados da Boêmia e da Morávia. Mas ainda havia uma "semente oculta."⁷ E Deus usou um jovem pastor de ovelhas da Morávia, Christiano David, apelidado de "o servo do Senhor," para reacender o fogo evangélico. Christiano tinha sido um católico romano radical, mas pela leitura da Palavra de Deus veio a conhecer a verdade. Depois de muitas viagens fora da Morávia e de ter recebido assistência de um pastor luterano pietista na Saxônia durante uma enfermidade, regressou para a sua terra natal a fim de pregar as boas novas de salvação. Sua pregação causou um despertar espiritual, o que provocou, novamente, muitas perseguições. Então, Christiano procurou o seu pastor na Saxônia, que o apresentou ao pastor Rothe, o qual por sua vez levou-o para falar com Zinzendorf. Este consentiu em receber os crentes perseguidos em Herrnhut, sua propriedade. Christiano David voltou para a Morávia e um pequeno grupo aceitou o desafio de ir morar em Herrnhut. Numa noite, cinco famílias partiram de suas casas para atravessar as montanhas e, depois de doze dias, chegaram à vila de Berthelsdorf (1722).

III. HERRNHUT

Em Herrnhut, os morávios foram recebidos com carinho. O gentil administrador de Zinzendorf procurou um lugar para os refugiados se estabelecerem e escolheu uma localidade distante da vila, no pasto comum onde o gado era vigiado, o "Hutberg" (montanha de *guarda*). Disse que seria um verdadeiro "Herrnhut," um lugar debaixo da "guarda do Senhor," mas também sempre *na* "guarda do Senhor," louvando-o dia e noite (SI 134.1). Outros refugiados chegaram nos anos seguintes, especialmente herdeiros da *Unitas Fratrum*, e também anabatistas, calvinistas e schwenkfeldianos, místicos que colocavam o Espírito acima da palavra escrita.

Não demoraram a surgir tensões internas, que aumentaram especialmente após a chegada do grupo místico: disputas teológicas, divergências étnicas, concorrência no trabalho, etc. Herrnhut era de fato uma congregação da igreja luterana de Berthelsdorf, mas o líder das contendas, um tal de Krüger, um luterano já excomungado em outro lugar, chamou o pastor Rothe de "falso profeta" e Zinzendorf de "besta," e conclamou todos a deixarem a igreja luterana, que ele chamava de "Babilônia." Muitas pessoas foram influenciadas pelas suas pregações inflamadas, até mesmo o pioneiro Christiano David. Embora Krüger tenha enlouquecido, tendo de ser internado num manicômio em Berlim, o mal semeado permaneceu e exigiu a intervenção do próprio conde.

Por cinco anos, durante o inverno, Zinzendorf havia continuado em seu trabalho como conselheiro real em Dresden, e no verão cuidava da sua propriedade rural. A igreja da vila de Berthelsdorf florescia com as pregações fervorosas do pastor Rothe, e à tarde o próprio conde, em sua casa, explicava a mensagem aos seus arrendatários. Ele fez um pacto com seu amigo Frederico de Watteville e com os pastores Rothe e Schäfer no sentido de promover a expansão do evangelho. Enquanto tudo ia bem, não se incomodou muito com o lugarejo de Herrnhut. Apenas havia determinado que somente refugiados por razões religiosas podiam ser admitidos, e tinha convencido os moradores a

prometerem fidelidade à Confissão luterana de Augsburg.⁸ O cantar dos velhos hinos morávios não era problema. No início de 1727, porém, com o radicalismo de Krüger, a situação deteriorou e o conde precisou agir. A paz de Cristo nas suas terras estava em perigo, pois o pastor Rothe alertava a igreja quanto aos “fanáticos alucinados” da colina e Christiano David considerava o pastor um eclesiástico bitolado.

Nesse momento crítico o conde interveio, “transformando o duelo em dueto,” como disse o historiador Hutton.⁹ Ele ensinaria os refugiados a obedecerem às leis do país, a curvar-se diante da sua autoridade como proprietário feudal e a viver em harmonia cristã.¹⁰ Ele convocou todos, homens e mulheres, depois de um longo culto de cânticos à noite (*Singstunde*), para uma reunião geral na casa grande de Herrnhut no dia 12 de maio. Primeiramente o conde falou pastoralmente sobre o pecado do separatismo. Em seguida, como dono das terras, explicou suas “Ordens e Proibições” que todos tinham de obedecer por força de lei, um tipo de constituição simples como existia nas vilas da Alemanha, porém adaptada à situação local. Finalmente, ele apresentou 42 “Estatutos” como base para uma (futura) sociedade religiosa voluntária. A reunião estendeu-se por mais de três horas, mas o resultado foi positivo. Prometendo obedecer as determinações de Zinzendorf, todos deram as mãos ao seu senhor terreno, que por sua vez garantiu que seus arrendatários nunca seriam seus servos feudais ou sua posse pessoal, mas sempre poderiam viver como homens livres, o que naquela época na Alemanha era algo especial.¹¹

No mesmo dia foram eleitos doze anciãos para a supervisão da comunidade e, dentre eles, quatro foram indicados por sorteio, segundo um antigo costume dos irmãos checos, para servirem como anciãos-chefes, entre eles o próprio Cristiano David. Posteriormente, foram eleitos guarda-noturnos, inspetores dos serviços públicos, assistentes dos enfermos e dos necessitados, etc. Finalmente, foram organizados pequenos grupos que se reuniam freqüentemente para edificação mútua. Também houve muitas reuniões de Zinzendorf com os anciãos.

IV. o AVIVAMENTO

Após receber autorização da corte real, Zinzendorf passou a dedicar o seu tempo a Herrnhut, deixando os negócios nas mãos da sua esposa e do seu amigo De Watteville. Conversando com as famílias refugiadas, percebeu a profunda preocupação dos checos em reviver a Igreja dos Irmãos. Assim, chegou à conclusão que de fato a melhor solução seria organizar em Herrnhut uma “igrejinha dentro da Igreja” (*ecclesiola in ecclesia*), com características, inclusive disciplinares, da antiga igreja checa. Somente assim os irmãos checos poderiam preservar os laços com o passado e ao mesmo tempo a congregação de Herrnhut poderia continuar como parte integral do sistema paroquial da igreja de Berthelsdorf.

Em 1725, Francke já havia alertado Zinzendorf quanto às tendências separatistas de Herrnhut,¹² e o conde sabia muito bem que as leis do Estado da Saxônia não permitiriam uma simples reorganização independente da antiga *Unitas Fratrum*. Utilizando muitos elementos dos “Estatutos,” eles prepararam o que depois seria denominado a “Concórdia Fraternal.” No início de julho de 1727, o documento foi assinado solenemente: o conde em primeiro lugar, depois Cristiano David e em seguida quase todos os habitantes de Herrnhut. Todas as noites houve reuniões de oração, cânticos ou estudo bíblico. David exortou o povo a estudar a arte de amar segundo o ensino da Primeira Epístola de João. O movimento era calmo e de regozijo no Senhor, sem tentativas de estimular as emoções. O conde alertou: “Criar excitação religiosa é tão fácil como excitar as paixões

carnais. E freqüentemente a primeira leva à segunda.”

Poucas semanas depois, Zinzendorf encontrou numa biblioteca em Zittau uma cópia da versão latina, feita por Comênio, do antigo “Manual de Disciplina” da extinta *Unitas Fratrum* checa. Alegrou-se extremamente ao descobrir que ela tinha sido uma igreja fiel e ortodoxa e que as suas normas eram muito semelhantes aos artigos da “Concórdia Fraternal”!¹³ Ao regressar a Herrnhut, relatou o seu achado e apresentou a versão alemã do documento, causando uma profunda gratidão em todos os irmãos refugiados, ao verem de perto a herança dos seus pais, que aparentemente tinha sido preservada tão fielmente entre eles. Mas os acontecimentos marcantes daquele ano seriam coroados pela fidelidade do Senhor.

Já que as brigas haviam cessado e os moradores de Herrnhut buscavam a santificação, o pastor Rothe convidou todos a participarem da Ceia do Senhor na igreja central de Berthelsdorf, num culto marcado para a manhã da quarta-feira dia 13 de agosto de 1727. Já antes do culto havia um forte senso de reverência. O pastor Rothe pregou sobre a importância daquela ocasião depois de tantas dificuldades: agora eles eram os convidados do Senhor para sentarem-se com ele à sua Mesa. Depois do cântico, duas moças fizeram profissão da sua fé. Após outro hino, o conde fez a oração de confissão pública em meio às lágrimas de muitos, suplicando perdão pelo sangue de Cristo, livramento de todas as divisões, e a bênção de uma união verdadeira de coração para que pudessem ser uma bênção para outros, perto e longe. Mais três pessoas oraram, e a parte da liturgia sobre o perdão dos pecados foi pronunciada por um outro pastor, que em seguida ministrou os elementos. Todos sentiram um misterioso toque do poder de Deus. Encheram-se da paz e alegria do Espírito Santo. Houve um profundo senso de comunhão com Cristo e com os outros, e eles reconheceram: “Aprendemos a amar.”¹⁴ Até hoje o 13 de agosto é considerado como o dia do renascimento espiritual da Igreja dos Irmãos, da *Unitas Fratrum*.

Dois dos anciãos, entretanto, estavam ausentes, fazendo visitas na Hungria. Naquele dia, não sabendo porque, sentiram um forte desejo de orar por Herrnhut, somente mais tarde tomando conhecimento do que havia ocorrido. Para não perder esse impulso celestial, duas semanas após aquela Ceia memorável Herrnhut iniciou a “Intercessão de Hora em Hora”: durante 24 horas por dia havia oração e cada irmão ou irmã tomava o seu lugar nesse rodízio. Essa foi a reunião de oração mais longa da história, pois estendeu-se por mais de um século.

RESULTADOS

Geralmente pensamos que o movimento missionário moderno começou a partir de 1800, com o trabalho de William Carey. Na realidade, como freqüentemente acontece, antes disso o Senhor já havia dado um grande impulso a essa obra. A partir da época dos descobrimentos (1500), o trabalho missionário das igrejas em geral passou a ocorrer dentro dos esquemas de colonização, primeiramente com as missões católicas romanas e depois também com as missões protestantes, como a da Igreja Reformada Holandesa no Nordeste do Brasil (1630-1654). Todavia, com o trabalho dos Irmãos Morávios, esse modelo ligado à colonização começaria a ser rompido, e “os seguidores do Cordeiro,” como eles se denominavam, haveriam de ir por toda parte.

Um ano após a “renovação da aliança” em Herrnhut, um grupo de jovens solteiros começou a estudar a Bíblia, geografia, medicina e línguas. Sentiam que Deus estava preparando-os para uma obra maior. A chamada macedônica veio em 1731 e no ano

seguinte teve início o trabalho missionário morávio. Em vinte anos, Herrnhut enviaria mais missionários ao exterior do que todas as outras igrejas protestantes nos primeiros duzentos anos da sua existência! E em breve, a Igreja Morávia no campo missionário seria maior do que a própria igreja mãe. Isso é um capítulo à parte,¹⁵ mas é claro que, incontestavelmente, foi resultado e fez parte integral daquele despertar espiritual de 1727. Lembremo-nos do seu lema: *Vincit Agnus Noster. Eum Sequamur!* O nosso Cordeiro venceu. Vamos segui-lo!

* O autor é ministro da Igreja Reformada Holandesa, com mestrado no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Estados Unidos, e doutorado em história na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É professor visitante do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

¹ Zinzendorf nasceu em Dresden, a 26 de maio de 1700. Há muitas biografias sobre ele, como por exemplo, H. Renkewitz, *Zinzendorf* (Hamburgo, 1948). As obras completas de Zinzendorf foram reunidas e publicadas por G. Meyer, *Nicolaus Ludwig von Zinzendorf Schriften*, 67 vols (Hildesheim: Olms Verlag, 1962-).

² Como Zinzendorf lembrou em sua mensagem fúnebre sobre 1 Co 15.10 (1760), reproduzida em O. Uttendörfer, ed., *Nicolaus Ludwig Graf von Zinzendorf: Evangelische Gedanken* (Berlim, 1948), 255.

³ Ver Uttendörfer, *Evangelische Gedanken*, 38-46.

⁴ Ver A. J. Lewis, *Zinzendorf, the Ecumenical Pioneer: A Study in the Moravian Contribution to Christian Mission and Unity* (Filadélfia: Westminster Press, 1962), 15: Zinzendorf detestava o *odium theologicum*, procurando aproximação entre os que "têm experimentado a morte de Jesus nos seus corações" (ver F. Blanke, *Zinzendorf und die Einheit der Kinder Gottes* [Basel, 1950]), mas rejeitava energeticamente o deísmo, que considerava como paganismo abstrato; ver O. Uttendörfer, *Zinzendorfs religiöse Grundgedanken* (Herrnhut, 1935), 166-174.

⁵ Ela faleceu em Herrnhut no ano de 1756, quatro anos antes do conde. Ver a biografia escrita por E. Geiger, *Erdmuth Dorothea Gräfin von Zinzendorf* (Herrnhut, 1999).

⁶ J.E. Hutton, *A History of the Moravian Church* (Londres, 1909²), 11-176.

⁷ A. Vacovský, "History of the 'Hidden Seed' (1620-1722)," em M. P. van Buytenen, C. Dekker e H. Leeuwenberg, *Unitas Fratrum. Herrnhuter Studien* (Utrecht, 1975), 35-54.

⁸ *A Confessio Augustana* (1530). A orientação fornecida pela Confissão, por Lutero e pela Escritura foi a bússola do conde, ajudando-o a superar grandes problemas, inclusive no período crítico entre 1743 e 1749 (*Sichtungszeit* = tempo de peneiração). Ver O. Uttendörfer, *Zinzendorf und die Mystik* (Berlim, s.d.), 169ss, 422.

⁹ Hutton, *Moravian Church*, 206.

¹⁰ Lewis, *Zinzendorf*, 47-62, "The Watch of the Lord." A. L. Fries, *Distinctive Customs and Practices of the Moravian Church* (Bethlehem, Pensilvânia, 1949), 55: naquele

tempo, Herrnhut devia ter ao todo uns 300 habitantes, em 34 casas.

¹¹ H. Beck, *Brüder in vielen Völkern; 250 Jahre Mission der Brüdergemeine* (Erlangen, 1981), 32: Herrnhut seria um lugar de liberdade pessoal, mas também uma escola de disciplina mútua com supervisão dos anciãos e auxiliares.

¹² J. T. Hamilton, *A History of the Church known as the Moravian Church, or the Unitas Fratrum, or the Unity of the Brethren, During the Eighteenth and Nineteenth Centuries* (Bethlehem, Pensilvânia, 1900), 36.

¹³ A. Ritschl, em *Geschichte des Pietismus* (1880-1886; 3 vols.), afirma que Zinzendorf conhecia a "Ratio Disciplinae" antes de escrever os Estatutos (III, 243). Hutton, em *Moravian Church* (pp. 212, 183), refuta Ritschl nesse e outros pontos e lembra que os erros de Ritschl foram corrigidos amplamente por B. Becker, *Zinzendorf und sein Christentum im Verhältnis zum kirchlichen und religiösen Leben seiner Zeit* (Leipzig, 1900), e por J. T. Müller, *Zinzendorf als Erneuerer der alten Brüderkirche* (Leipzig, 1900). Sigo a ordem cronológica de Hutton.

¹⁴ Hino comemorativo por James Montgomery, *Customs*, p. 57. Ver R. von Delius, *Gedichte des Grafen Zinzendorf* (Berlim, 1920), 14: "Reine Flammen/ brennt zusammen!/ Macht mich Licht durch euren Schein/ und voll Triebe/ süszer Liebe:/ nehmt mein ganzes Wesen ein!" Uma experiência real, pística; L. Kalsbeek, *Contours of a Christian Philosophy* (Amsterdã, 1975), cap. 11.

¹⁵ J. E. Hutton, *A History of Moravian Missions* (Londres, 1922); K. Müller e A. Schulze, *200 Jahre Brüdermission*, 2 vols. (Herrnhut, 1931-1932); Beck, *Brüder in vielen Völkern; 250 Jahre*; H. Bintz, ed., *N. L. von Zinzendorf, Texte zur Mission* (Hamburgo, 1979). Infelizmente os morávios não entraram no Brasil, apesar do convite oficial do regente do Império, o padre Diogo Antônio Feijó (1835-1837), que solicitou ao Marquês de Barbacena (então exercendo funções diplomáticas em Londres), providenciar a vinda de duas corporações dos Irmãos para trabalhar com os indígenas brasileiros (*Ultimato* 264 [Maio 2000], 28). Infelizmente não puderam atender (por falta de obreiros ou de visão?).